

E C O N O M I A - Com a quarta queda consecutiva no ano, a cesta básica está custando R\$ 139,17

Cai 3,6% o preço da cesta básica

Embora o mês de agosto tenha registrado inflação de 0,25% em Campo Grande, o consumidor da Capital está a cada vez pagando menos pela cesta básica familiar. Conforme levantamento feito pela Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (Seplanct), em agosto, a cesta, que inclui itens de alimentação e higiene, custou média de R\$ 139,17, com queda de 3,6% em relação a julho, quando valia R\$ 144,36.

Para a Seplanct, a retração vem ocorrendo desde maio e deve-se a estiagem que atinge o Estado.

A pesquisa apontou que 22 dos 44 itens tiveram alta. O destaque foi para o mamão que teve o valor elevado em 15,08%. No entanto, a queda atingiu 19 produtos da cesta. O tomate, por exemplo, teve retração no preço em 17,18% e o feijão apresentou queda de 11,83%.

Enquanto os preços baixam, há consumidor que garante que tem aproveitado o dinheiro que sobra. Outros, no entanto, não têm percebido redução nos custos e dizem não acreditar em pesquisas.

Pág. 06

COMEMORAÇÃO

*Jornal se consolida
pela qualidade*

O jornal Em Foco chega a sua 50ª edição e traz uma página especial sobre a história da publicação. Criado em setembro de 2002, pelo curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco

(UCDB), o Em Foco tem periodicidade semanal, sendo distribuído todo domingo na Avenida Afonso Pena, no centro de Campo Grande. Desde a primeira edição, o jornal já teve três diagramações diferentes.

Pág. 04



Foto: Cristina Ramos

Informação - Produção semanal estimula acadêmicos

Índios se beneficiam com nova aldeia

A segunda aldeia urbana municipal de Campo Grande deve ficar pronta em dois meses. São 98 casas que estão sendo construídas em um terreno de 28,8 mil metros, no Jardim Noroeste. O local foi invadido há quatro anos por famílias indígenas de três etnias que enquanto esperam suas residências, moram em barracos improvi-

sados com tábuas e lonas. Os homens da aldeia estão sendo remunerados para trabalhar como pedreiros na construção das moradias.

Organizados, os índios têm um conselho interno que se reúne em uma Oca improvisada com palha, dentro da aldeia urbana. Lá os indígenas recebem orientações, como o respeito à cultura dos brancos.

Pág 05

Í N D I C E		CADERNO ZOOM	
CADERNO A			
Opinião	02	Cultura	09
Política	03	Saúde	10
Geral	04	Esporte	11
Economia	06	Educação	12
Polícia	07	Universidade	13
Nosso Foco	08	Ambiente	14
		Resenha	15
		Turismo	16



Foto: Karina Anunciato

Pesquisa- A carne foi um dos itens que mais influenciaram na inflação do mês, o quilo da costela, por exemplo, aumentou 12%

Luta por terra gera preconceito

Trezentas famílias integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), acampadas na BR 262, saída para Três Lagoas em Campo Grande dividem o mesmo sonho: serem beneficiadas com terra para plantar. Enquanto não são assentadas pelo Governo Federal, em terras, hoje improdutivas, homens, mulheres e crianças compartilham dificuldades. No acampamento não há saneamento, nem mesmo água encanada, o combustível que move o motor do poço é caro e a sede só é saciada com água emprestada de um posto de gasolina ou do córrego



Foto: Danúbia Burema

I d e o l o g i a - *Sem-terra lutam contra latifúndios improdutivos*

que fica a quilômetros de
distância.

Além das dificuldades físicas, os sem-terra enfren-

tam as morais, como o preconceito de quem passa pela BR. Mesmo assim, os trabalhadores rurais mili-

tantes não desistem. Os homens se lembram da dificuldade de encontrar emprego na cidade para sustentar a família e as mulheres se apegam à união do grupo para superar os medos e incertezas de criar os filhos em um ambiente pouco confortável. Já as crianças, lembram com saudades da época em que podiam se divertir no parquinho ou comer frutas que não chegam até o acampamento. Os sem-terra da BR esperam unidos serem incluídos na Reforma Agrária, improvisam escola e plantam hortaliças no acostamento.

Pág 08

TURISMO

Caderno
Noon

*Cachoeiras
enfeitam MS*

As belezas naturais de Mato Grosso do Sul vão muito além do Pantanal. O Estado possui pelo menos 30 cachoeiras distribuídas por diversos municípios. As quedas d'água têm atraído turistas para as práticas de esportes radicais, mergulhos e contemplação.

Muitas cachoeiras são encontradas em propriedades particulares, sendo que a mais alta de Mato Grosso do Sul é a Boca da Onça, em Bodoquena, com 156 metros de altura. A segunda maior do Estado, em termos de comprimento, é a cachoeira Água Branca, no município de Pedro Gomes e tem 90 metros. Esta, inclusive, foi tema de trabalho de conclusão de curso de acadêmicos do curso de Rádio e TV.

Pág. 16



Foto: Cristiane Leme

Paraíso - Estado possui belezas naturais desconhecidas

EDITORIAL

Aprendizes, porém capacitados

Pela primeira vez uma turma do segundo ano de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), produz um jornal Em Foco no formato Standard, mas nem por isso é uma turma inexperiente. Só este ano, os alunos de jornalismo do 4º semestre, já desenvolveram seis jornais tablóide com pautas voltadas ao jornalismo de cidadania, levantando a história, problemas e soluções das comunidades dos bairros Nova Lima, More-

ninhas, Centro, Aero Rancho, a região do Santo Amaro e Santo Antônio e Bairro Nasser. Além do contato que os futuros jornalistas tiveram com a realidade da população desses bairros foram responsáveis também por outras duas edições especiais sobre a imprensa regional, mostrando os bastidores dos meios de comunicação da cidade, com um trabalho inédito e metalingüístico: a imprensa retratando ela mesma. Apesar do compromisso

único com a verdade, a responsabilidade para estes alunos em princípio parece maior, sem trocadilho com o formato Standard, visivelmente mais vantajado que os pequenos tablóides. São 16 páginas em 14 editorias, o que significa a necessidade de aumento na dedicação do estudante para cumprir suas pautas e a dívida profissional com a população do Estado. A primeira vez destes estudantes na forma Stan-

dard representa também um marco na história do Jornal laboratório Em Foco, que completa 50 edições levando informação ao leitor da Capital. Para comemorar os repórteres acadêmicos foram as ruas para descobrir a visão que os receptores das mensagens, nossos leitores que acordam cedo aos domingos têm sobre o jornalismo laboratorial produzido por eles. Para os professores, que participam da distribuição dos cinco mil exemplares do Em Foco, todos os domingos na Avenida Afonso Pena, a receptividade demonstrada pelos leitores não foi surpresa. Muitos fazem suas declarações de confiança e credi-

bilidade no jornalismo dos acadêmicos, oralmente, quando buscam seus exemplares na manhã dominical. A marca Em Foco já está registrada na cabeça dos assíduos frequentadores do ponto de distribuição dos semanários, que buscam especificamente pelo Em Foco. Sem compromisso com padrões ou ideologias comerciais e políticas, o Em Foco, em seu ano V, conquistou os leitores. Eles levantam características importantes do jornalismo produzido pelos acadêmicos da UCDB, além da principal que é informar profundamente sobre temas de relevância na sociedade. O Em Foco virou matéria prima para pesquisas escolares,

resgatou o jornalismo comunitário, de bairro, patinho feio nas redações e trouxe à tona o sentimento de fé no jornalismo sem rabo preso. Para os futuros jornalistas, que terão a marca Em Foco em seus currículos é hora de festa, eles já tem a garantia de experiência em um periódico antes mesmo de entrar no mercado de trabalho, o que com certeza conta pontos em uma disputa por emprego. Para os leitores também é hora de festa, por saber que a UCDB está investindo na formação de jornalistas, intermediários entre a notícia e a população. Vem muito em Foco por aí!!!!

O caráter de seu filho está em suas mãos

Fernanda Kury

Com a utópica falta de tempo ninguém consegue enxergar além do seu umbigo, julgam não ter tempo para cultivarem a generosidade, a caridade, o amor e a atenção. Nada como saber administrar suas ações, saber dar valor àquilo que realmente importa, o ser humano como um todo. Cria-se uma busca constante pelo melhor, pelo maior, pelo status da deslumbrante vida amarga dos jogos de interesses e acabamos nos tornando inconstantes diante de nossas próprias opiniões, de nossos próprios sentimentos. Não cultivamos mais a amizade, a simplicidade do bom dia e do obrigada, criando uma casca grossa de pura imbecilidade, pois nos julgamos seres pensantes, mas que nada fazemos ou realmente pensamos, apenas julgamos. E o pior é criar um filho nessa geração de “oba-oba”, onde tudo se tem, tudo se pode.

Educar não é ceder sempre, é restringir, é aconselhar e acima de tudo respeitar. Vejo pais que gritam na cara dos seus filhos e batem em suas faces, se rebaixam a nível deplorável de educação, consigo e perante seus filhos. Não cultivam o respeito, não são conscientes do poder da conversa, do poder que se tem em trazer para perto de si os filhos. E quando eles se revoltam e resolvem mostrar qual foi a educação que receberam, os pais-vítima resolvem chamar a Super Nanny, uma “coitada” que ganha R\$ 20 mil por mês para educar os pais mal educados e ensiná-los a cuidarem de seus filhos.

Começar a aprender o que realmente importa dentro desse confuso mundo de alienados sentimentais e culturais é o primeiro passo para sermos um

grupo de pessoas mais humanizadas. Amemos primeiramente a nós mesmos, sendo pais ou filhos, como se hoje fosse nosso último dia, pois será. E amanhã ao acordar você mesmo vai perceber que nada será como antes. Saber dizer sim e não, explicando o porquê, é ajudar não só ao seu filho, mas a si mesmo. Há crianças que nascem de uma aventura e não têm culpa da inconseqüência dos pais, que se julgam novos demais para criarem um filho, mas para fazê-lo já eram maduros o bastante.

“Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”. Essa é a frase do apóstolo Paulo mais completa e que reflete o amadurecimento pessoal, onde a lei da ação e reação é crucial. Como explicar a elas que a liberdade não é libertinagem? Basta ter diálogo, a criança não é um brinquedo, mas um ser humano que tem condições sentimentais suficientes para decidir o que quer ou não para si, mesmo que suas decisões pareçam fúteis diante das nossas crenças adquiridas. Elas entendem, compreendem e conseguem distinguir o certo do errado, talvez do modo mais certo, mais complexo que podemos conhecer. Mas para saberem colocar em prática é preciso que os pais orientem as atitudes dos filhos e evitem suas tendências para o mal. Se não há base religiosa, independente de qual religião seja, se não houver diálogo e paciência, a criança cresce, e ao se tornar progenitor, ela se perde na educação, deixando que o exterior das mídias televisivas eduque-as por si só.

O melhor remédio para a “geração burrice” a qual estamos caminhando é, ao invés de dar boneca à sua filha, dê-lhe livro, ou se seu filho lhe pede um power-ranger, dê-lhe livro! Você então se perguntará um

tanto receoso: E se eles não gostarem? Eu te responderei com todo prazer, dê um bom exemplo, leia também! Aproveitem, pais, a educarem seus filhos com todo o amor e paciência necessária até os sete anos, pois, depois disso, o mundo se encarregará de dar-lhes um empurrãozinho na educação.

Não estou dizendo para que excluam os brinquedos de seus filhos, pois essa é a melhor maneira deles saberem compartilhar e conviver em sociedade, vivenciando bem a infância. Mas dê-lhes o conhecimento; e como diz um professor meu: “Podem te tirar tudo, dinheiro, roupas, carro, casa. Mas o seu conhecimento é o seu único bem que não será tirado por ninguém”. Esse conhecimento adquirido com muita leitura.

Portanto, meus queridos futuros e velhos “pais”, não mimem suas crianças, dêem a elas a dignidade de se impor diante dessa nossa “geração burrice”, dêem amor, gestos simples de atenção que no futuro irá resultar em total agradecimento sincero, cuidar de seus filhos é apenas a prática de todo ensinamento que você recebeu na infância e um pouco do que aprendeu no resto da vida. Pois de uma maneira um tanto quanto sarcástica; serão eles que irão escolher o seu asilo.

Tenho uma visão um tanto quanto “maldosa”, porém é isso que falta, uma educação militar ou alemã. Oh!! Não se assustem, nenhuma criança sairá nas ruas atirando em seus colegas ou induzindo-os à proliferação da raça ariana. Mas a base de toda educação é disciplina, é ter limites, horário. Talvez após toda a educação autoritária que os pais sofreram, eles resolveram dar chance aos seus filhos, de se auto criarem.

Tatiane Guimarães

Felicidade, palavra que pode ser encontrada no dicionário, porém, todos desejam que ela exista em seus corações. As pessoas buscam por ela nos mais diferentes locais, em grupos de amigos, em festa nos fins de semanas, na aquisição de bens materiais, no sorriso das crianças, no abanar do rabo de um cachorro, em um filme na TV e até mesmo em músicas. Colocam a felicidade no futuro, em pessoas que ainda não conhecem, em coisas que ainda terão. Alguns dizem que a deixaram em algum evento do passado distante ou no sucesso do filho.

Felicidade é como a água corrente a contornar vales e montanhas, um presente contínuo, só pode existir hoje, dentro de cada um e não em coi-

Melanina demais é sinônimo de igualdade de menos?

Ana Flávia Violante

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 45% da população brasileira é negra, e 97% dos universitários brasileiros são brancos. Isso mostra, além do grande contraste entre pessoas da mesma nacionalidade, como é difícil a inserção do negro no Ensino Superior, já que entre os 53 milhões de pobres que há no país, 63% são negros.

Mas não é pelo fato de uma pessoa possuir mais melanina que outra que ela passa a ser mais cidadão e ter mais direitos que os “brancos”. O sistema de cotas para negros, primeiramente instalado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de ser ridículo, acentua ainda mais o racismo no nosso país. Com este sistema, os próprios negros – declarados assim ou como pardos, por livre e espontânea vontade – se inferiorizam, afirmando que apenas por serem de uma “raça diferente” têm me-

nos condições de realizar uma prova com sucesso.

Não ter condições por ter estudado a vida toda em escolas públicas precárias (que redundância!) seria outro assunto. Um assunto plausível, já que o ensino público no país é vergonhoso e, implantado o sistema de cotas para negros, é deixado – mais uma vez – em segundo plano. O caso de ausência de condições valeria um sistema de cotas para pessoas carentes, ou então para alunos que sempre estudaram em colégios públicos, o que já existe, mas não é tão valorizado como as cotas para os negros.

O que precisamos enxergar é que com essas cotas nossos governantes apenas encobrem os problemas sociais e os adiam para mais tarde. Que o racismo ainda é gritante, e seus próprios militantes estão contra si mesmo. Que é preciso urgentemente uma melhoria substancial no Ensino Fundamental, bem como um reconhecimento maior para com nossos mestres.

Enquanto nada é feito, o Ensino Público continua podre, mas o povo fica feliz – mal percebe o quanto é manipulado e que várias estrelas pararam de brilhar há muito tempo.

ERRAMOS

Embora seja ainda conhecido como Centro Renascer, conforme foi intitulado em matéria da Edição Nº 46 do Em Foco, a instituição de recuperação de jovens com dependências de substâncias químicas, localizada na Vila Oeste, quer evidenciar que desde 1993 existe como Fundação de Proteção à Criança e Adolescente Maria Aparecida Pedrossian. O local tem capacidade para 40 internos e diferente do que foi noticiado, não necessita de ajuda financeira, pois esta, já provém da Prefeitura Municipal de Campo Grande e Governo Estadual. Segundo a Assistente Social Kheila A. Contador Soares o que a Fundação precisa é de parcerias para a realização de cursos. Ela também esclarece que o índice de 15% de recuperação dos internos, citado na matéria, não é comprovado.

O jornal Correio do Estado foi fundado em sete de fevereiro de 1954 e não “1924”, como publicado na edição Nº 49 do Jornal Em Foco.



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano V - nº 50 – Setembro de 2006 - Tiragem 5.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitoria Acadêmica: Pe. Jair Marques de Araújo

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos e Inara Silva

Edição: Cristina Ramos e Inara Silva

Repórteres

Alessandra Carvalho, Alexander Onça, Alysson Maruyama, Ana de Oliveira, Ana Flávia Violante, Andréia do Carmo, Átilla Eugenio, Carlos Costa, Cristiane Lemes, Danúbia Burema, Elaine Prado, Felipe Duarte, Fernanda Kury, Flávio Óliver, Graziela Rezende, Isabela Ferraz, Jairo Gonçalves, Kamilla Ratier, Karina Anunciato, Karla Valéria, Katiane Arce, Luciene Martins, Mariana Lopes, Nicolas Godoy, Priscila Mota, Rodson Lima, Talita Matsushita, Talita Oliveira, Tatiane Guimarães, Thayssa Maluf e Thiago Andrade.

Projeto Gráfico: Prof. Jacir Alfonso Zanatta e formandos de Jornalismo 2006

Logo Caderno Zoom: Diego Ouro Preto

Logo Caderno A: Maria Eunice Cardoso

Tratamento de imagens: Maria Helena Benites

Diagramação: Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica
Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

Home Page universidade: www.ucdb.br/emfoco
E-mail: emfoco@ucdb.br
emfoco.online@yahoo.com.br

CONSCIÊNCIA - Eleitores discutem o desempenho político da atual administração e refletem sobre o futuro

Falta de responsabilidade dos políticos acarreta desigualdade

Talita Oliveira

“Toda essa marginalidade, pobreza e má distribuição de renda”, assim a assistente social Maria Auxiliadora Silva da Rosa de Araújo conceitua o termo desigualdade social. A menos de um mês da votação, eleitores da Capital alertam os candidatos e futuros legisladores, sobre o problema, que para muitos cidadãos está relacionado ao mau desempenho da classe política no poder.

“Se todo cidadão pagasse a mesma taxa de imposto ficaria bom” acredita o comerciante Joarez Ubaldo, 41 anos. Ele explica que não há fiscalização rígida no Imposto de Circulação sobre Mercadorias (ICMS) em comércio, e afirma que a concorrência é um efeito de desigualdade.

Para o mecânico de automóveis Gilberto Vicente, 36 anos, “os políticos devem reformar a lei tributária para ajudar no comércio, incentivar aberturas de indústrias e para empregar as pessoas”. Segundo o trabalhador falta lazer e escolas para as pessoas de baixa renda. Ele completa dizendo que a classe alta tem dinheiro para investir na educação, além de ter momento de lazer. “A deficiência da política ocorre na qualidade de vida das pessoas, saúde e má distribuição de renda, para melhorar a qualidade de vida da população, estas áreas devem ter atenção”, afirma o mecânico.

Auxiliar de limpeza, Ronaldo Herculano da Costa Junior, 32 anos, conta que “o mercado de trabalho é precário para quem quer trabalhar”. De acordo com Ronaldo falta igualdade na sociedade de



Foto: Janete Cristaldo

Sociedade - População Campo-grandense se indigna ao perceber que os candidatos eleitos acentuaram a desigualdade, e esperam dos governantes medidas efetivas

Campo Grande. “Tem muitas pessoas pedindo comida, enquanto os políticos não exercem os seus deveres”.

Ética

O bacharel em Direito Danilo Graça da Cruz, 30 anos,

acredita que falta ética a muitos políticos. “No caso de um roubo o cidadão que necessita de alimento e não tem dinheiro rouba é punido e excluído da sociedade, enquanto os políticos que cometem erros são julgados pelos próprios compa-

nheiros, com isso alivia a condenação dos que cometem falcatruas”. A desigualdade, segundo ele, já se evidencia na maneira que as leis são regidas. Danilo cita “diminuição de impostos aumento de empregos é a solução para acabar com es-

tas diferenças”.

A assistente social Maria Auxiliadora, 39 anos, afirma que os políticos são os principais responsáveis pela desigualdade social, há um desrespeito dos políticos para com a população e falta política pú-

blica efetiva. “Eles devem ter seriedade e respeito com a população campo-grandense que vota, e exerce a função de cidadania minha esperança é que as leis sejam rigorosamente cumpridas pelos políticos”, finaliza.

Política exige graduação

Jairo Gonçalves

De acordo com os dados fornecidos pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), cerca de 51% dos candidatos possuem nível superior completo, característica, que na opinião de alguns eleitores, não garante um bom governo. Para alguns votantes, o compromisso social dos candidatos é tão fundamental quanto a escolaridade.

“Tem muito doutor que é candidato, promete de tudo, mas nunca viveu a realidade do pobre. Acho que quando é candidato do povo, mesmo sem instrução, esse pode fazer mais coisa boa para gente”, ressalta a doméstica Mercedes Gomes, 37 anos.

A mesma opinião tem Augusto Toledo, 43 anos, trabalhador da construção civil, desempregado há um ano e três meses. “Eu não tenho estudo, e por isso também estou desempregado. Será que o político eleito, com escola ou sem escola, pensa em gente como eu? Claro que não. Ele já ganhou o emprego dele, né?”, desabafou.

O descontentamento dos eleitores está principalmente na falta de envolvimento político após as eleições, independente da formação do candidato. Para a moradora do Jardim Carioca, Lúcia de Souza, que tem ensino médio incompleto, a preocupação acontece mesmo só antes da eleição. “É sempre a mesma coisa, todo político, principalmente os que têm estudo, vêm, diz que vai melhorar o bairro, depois que ganha o voto, some”, se indigna a mo-



Foto: Elza Fiúza-ABR

Política - Moradores questionam a graduação dos candidatos

radora. O estudante de ensino médio, Marco Aurélio Lopes, 19 anos, reforça esse desabafo: “Com estudo ou sem estudo, o que precisa mesmo é trocar todos esses políticos que têm aí”.

Os dados do TRE mostram ainda que dentre as profissões dos candidatos, os advogados são a maioria, 28 concorrem a cargos políticos, competindo contra 24 vereadores, 21 comerciantes e deputados, 18 empresários, 14 médicos e demais profissionais de diversas áreas.

Para a coordenadora pedagógica, Eliza Marques, o candidato ter nível superior completo lhe dará uma visão ampla de um todo para governar. “Somente a prática, sem estudo, pode se tornar difícil. O importante é ter as duas coisas: formação e vivência política”, afirma.

“Hoje, para assumir um cargo em qualquer órgão é necessário que o candidato esteja preparado, tenha formação, de preferência nível superior. Por que para a política isso não é relevante?”, questiona a professora Ana Maria Gonzaga.

Já a coordenadora pedagógica, Helena Leite Batista, ressalta a importância da formação e principalmente o comprometimento dos candidatos. “Na política brasileira a gente tem muito demagogo. Tem muita gente que fala sem ter o conhecimento de causa do que é preciso fazer. Sem base na realidade. O que, infelizmente é a maioria dos políticos no nosso país. Não adiante ser o intelectual que fica distante do povo. É preciso se envolver com as diferentes classes sociais para que realmente a política aconteça”, afirmou a pedagoga.

Cargos de confiança ameaçados a partir de janeiro do próximo ano

Tatiane Guimarães

As eleições sempre trazem expectativa para funcionários públicos, que possuem cargos de confiança nos órgãos que se preparam para as novas administrações após 1º de janeiro, quando tomam posse os candidatos eleitos. Para quem hoje trabalha nestas funções existe a esperança que o seu bom desempenho nos últimos anos signifique a permanência no emprego ou o maior salário, no caso dos servidores concursados, que fazem parte da equipe de confiança.

Gloria Benites trabalha no Detran há dez anos, tem cargo de confiança há três, foi indicada pelo chefe anterior para a função de supervisora em Centro de Formação de Condutores (CFC), sua permanência no cargo depende de quem ganhar a eleição, mas isto não a deixa preocupada, por que segundo Glória, o setor em que trabalha é estável e ela é concursada. “Em outros setores muda muito”, afirma a supervisora.

A secretaria executiva Eva de Oliveira sempre exerceu cargo de confiança, trabalha na Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economia Solidária (SETASS) há um ano e meio, e acredita que o segredo para manter a posição é o estudo constante e busca por quali-

ficação. “Não é cargo político, é porque você tem bom desempenho profissional”, acredita Eva. Lecir Machado pensa que o cargo de confiança não é um ganho político, mas sim uma conquista, “primeiro tem que mostrar competência” declara.

Para funcionários que não passaram em concurso a situação é mais delicada. “A gente pode sair sem mais nem menos”, declara Edílson Nogueira, para quem a eleição traz uma grande expectativa de saber se vai ou não permanecer com um emprego. Edílson acredita que sua colocação na empresa é devido a um bom passado profissional, apesar de não sen-

tir insegurança com relação ao futuro, ele corre o risco de ficar desempregado e sem fundo de garantia, direito que os funcionários de confiança sem concurso não possuem.

Existem pessoas que conseguem o cargo devido ao bom passado profissional, como é o caso de Edílson, mas também há quem perde o cargo por interferência de interesse político foi o que aconteceu com Joana (nome fictício), que alega ter perdido o cargo porque os superiores precisavam promover publicamente outra pessoa. “Colocam pessoas em cargo de confiança para que mais tarde essa pessoa possa fazer carreira política”, lamenta Joana.

Foto: Janete Cristaldo



Emprego - Servidores públicos temem ser destituídos das funções

RECONHECIMENTO - *Jornal laboratório conquista leitores da Avenida Afonso Pena na Capital*

Em Foco comemora sua 50ª edição

Carlos Costa
Felipe Duarte

Distribuído aos domingos na Avenida Afonso Pena, no centro de Campo Grande, o jornal Em Foco, já conquistou leitores assíduos. Para comemorar a sua 50ª edição, os repórteres foram até o ponto de entrega para saber o que o público pensa do jornal laboratório.

Em plena Afonso Pena, os leitores foram encontrados na Praça Ary Coelho, na caminhada matinal pela via e em automóveis, que todo domingo formam fila no local em busca do impresso. Nanci Cristina, 34 anos, lavadeira, disse que coleciona os especiais sobre bairros. “São criativos, abordam temas de muita importância para a população”.

Os especiais de bairro fazem parte da série de jornais, em formato tablóide (28 cm x 32 cm), dedicados aos arredores da cidade. Os acadêmicos do curso de Jornalismo já publicaram tablóides sobre o Nova Lima, Aero Rancho, Moreninhas, Centro, Nasser e um especial Santo Antônio e Santo Amaro. Para Creginaldo Câmara, 55

anos, essas edições especiais são importantes, pois, segundo ele, o Em Foco é o único que não esqueceu da comunidade, uma vez que os outros veículos a esqueceram. Já Virgínio Agostinho, 65 anos, reconhece a credibilidade do jornal. “Utilizei o Em Foco especial de bairros para fazer o trabalho da escola da minha filha”.

Vicente Rodrigues Filho, 81 anos, disse que “por ser feito por uma universidade, ele tem mais liberdade”. “É uma alternativa aos meios de comunicação da Capital”, complementou Neio Mandetta, 75 anos.

Os leitores comentaram também sobre o formato do jornal. “A versão em tablóide é melhor por ter melhor manuseio e por trabalhar um assunto específico”, comenta Milton Santos, 29 anos. José Patrocínio, 60 anos, acha que a versão standard (formato 29,7 cm x 52 cm) é melhor, pois contém mais matérias.

Semanalmente são distribuídos 5 mil exemplares do Em Foco em Campo Grande, sendo três vezes por mês no formato tablóide e uma vez em standard.



Participação - Alunos da UCDB se reúnem aos domingos pela manhã para distribuir o jornal no centro de Campo Grande

Credibilidade e isenção em foco

Ana de Oliveira
Thiago Andrade

As professoras do curso de Jornalismo Cristina Ramos e Inara Silva são as atuais responsáveis pela edição do Em Foco, o jornal laboratório do curso de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cristina Ramos faz especialização em Teoria e Práticas Contemporâneas do Jornalismo. Já atuou em várias empresas de comunicação no Estado, como Correio do Estado, TV Guanandi, entre outras, trabalhando em várias áreas desde repórter a diretora de jornalismo.

Inara Silva trabalha na UCDB desde o início do segundo semestre de 2006. Formada há 10 anos também pela UFMS, já atuou em jornais impressos, em telejornais, em webjornalismo e assessoria. Além do jornal Em Foco, a professora também faz parte do corpo docente do curso de jornalismo da UCDB.

Segundo Cristina Ramos, o jornal é um diferencial para o curso, com sua produção semanal. Os acadêmicos praticam o que aprendem em sala e isso com certeza será levado em conta quando es-



Auxílio - Professores interagem com os acadêmicos de jornalismo

tiverem no mercado. Inara Silva complementa dizendo: “Aqui no Em Foco, os alunos têm a possibilidade de usar, propor, abordar outros temas que dificilmente seriam abordados em outros jornais”.

Depois de toda experiência na prática do jornalismo, a professora comenta estar muito contente em participar da produção do Em Foco. Para ela, é gratificante ver o empenho dos acadêmicos e como eles estão evoluindo.

Cristina Ramos esteve presente durante a principal fase de mudança pela qual o jornal passou, desde a nova diagramação até a construção da nova estrutura para a redação. Diante das transformações, a professora afirma que “ver que os alunos estão praticando e aprendendo é uma grande conquista”.

O jornal Em Foco tem dois compromissos, de acordo com Cristina Ramos, funcionar como laboratório, servindo no ensino de técnicas jornalísticas aos acadêmicos e a busca da verdade, o prazer de produzir jornalismo puro.

As professoras concordam sobre a questão da liberdade que é concedida aos acadêmicos na produção de suas matérias, Cristina deu o exemplo de uma matéria recentemente publicada no jornal e que continha o título “Estado deve distribuir 900 mil preservativos durante este ano”. Ela completa afirmando que o jornal não tem qualquer vínculo com patrão ou qualquer tipo de patrocinador. Os únicos responsáveis são os jornalistas coordenadores e quem assina a matéria.

“Noite do Em Foco” contribui para o exercício do jornalismo

Luciene Martins
Karla Valéria

Muita animação e incertezas. Foi assim que se caracterizou a primeira noite do Em Foco, jornal laboratório da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em setembro de 2005. A idéia partiu do professor Jacir Zanatta, hoje coordenador do curso de Jornalismo. “O jornal não tinha periodicidade. Eu queria dar ritmo de produção, deixar os alunos vivenciar a prática jornalística”.

Como todo começo, tudo era difícil. Por um lado, havia falta de equipamentos, enquanto, do outro, havia a euforia dos alunos por conta da novidade. Estes ingredientes transformaram a noite numa gostosa troca de experiência. Marcelo Ramiro, acadêmico do oitavo semestre do curso, conta que as dificuldades eram muitas, pois havia apenas dois computadores para redigir, editar e diagramar os textos. “Para trabalhar era muito difícil”.

As noites de serão acontecem para a revisão do jornal Standard (formato 29 cm x 52 cm), que é editado uma vez por mês. O plantão começa às 21h, quando os alu-

nos chegam, e termina às 7h do dia seguinte. A aluna do 6º semestre, Kárita Emanuelle, que participou este ano do serão diz nem perceber a noite passar. “É muito corrido, a noite passa depressa, mal dá tempo de comer”. E por falar em comer, os acadêmicos, hoje do oitavo semestre, ganharam na primeira noite uma rodada de pizza, oferecida pelo Padre Jair Marques de Araújo, pró-reitor da instituição. Hoje, os alunos trazem seu próprio lanche. Apesar de não serem obrigados a comparecer, os alunos se esforçam para aprender na prática a realidade da profissão que escolheram. “Não é obrigatório,

mas conta ponto, e vem bastante gente”, conta Kárita. E como ninguém é de ferro, os alunos tiram tempo para dar uma descansada, coisa rápida, pois o trabalho é puxado. Mesmo diante de tanto esforço, os alunos não reclamam, pois afinal é uma prática fora da sala de aula para a vida profissional.

“Gostei muito de passar momentos de práticas com meus amigos e professores”, enfatiza a acadêmica do oitavo semestre, Gardênia Laura. Confraternização que também acadêmica, Kárita compartilha: “Temos a oportunidade de entrar em contato com outras pessoas da sala”.



Serão - Estudantes vivenciam na madrugada a prática da redação

SUPERAÇÃO

Crescimento no impresso

Karla Valéria
Luciene Martins

O jornal Em Foco chega a sua 50ª edição. Desde o seu começo, em setembro de 2002, o veículo já passou por três diferentes diagramações criadas exclusivamente por professores e alunos dos cursos de Comunicação Social da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A diagramação segue os objetivos e as linhas gráficas e editoriais do impresso. As principais linhas editoriais para esta tarefa incluem a hierarquização das matérias por ordem de importância. Já as

considerações gráficas incluem legibilidade e incorporação equilibrada e não-obstrutiva dos anúncios. Essas características compõem o design de jornal.

O início de quase tudo é sempre muito difícil. Com a diagramação do Em Foco não foi diferente. José Francisco Sarmento, professor há nove anos na UCDB, foi o primeiro diagramador. Como não havia experimentos, o professor de design buscou referências nos principais jornais do país e se baseou na evolução dessas publicações brasileiras. “Eu buscava algo que valorizasse a notícia dos alunos e a questão da imagem”, conta o professor.

Os alunos participavam de reuniões todas as tardes e se revezavam na editoria e na produção das imagens. Tudo bem democrático, com autonomia, inclusive, para arriscar. “Se desse alguma coisa errada, a responsabilidade era toda dos alunos”, diz José Sarmento. As dificuldades com a impressão eram grandes, o próprio professor correu atrás de gráficas. A tipografia usada por ele era de 90% (cinza escuro). “Queria valorizar os espaços em branco e o trabalho de ajustes de imagem”, lembra. O professor que exigia responsabilidade e objetividade de seus alunos, mas para isso dava toda liberdade. A idéia era que eles ex-

perimentassem de tudo um pouco. Para José Francisco Sarmento, essa é a grande oportunidade de descobrir talentos. “A universidade é um grande laboratório e sua virtude está em possibilitar ao aluno arriscar”, salienta o professor.

Maria Helena Benites, acadêmica do oitavo semestre do curso de Design da UCDB, hoje é quem cuida da parte de diagramação do Em Foco. Ela entrou na equipe desde o primeiro número e atualmente está à frente da terceira fase da diagramação, que foi definida recentemente em trabalho conjunto dos alunos do 8º semestre de Jornalismo com o professor Jacir Zanatta, coordenador do curso. “O papel do diagramador é um trabalho minucioso que exige a atenção a pequenos detalhes. Uma constante preocupação com títulos e resolução das fotos”. A fotografia para o impresso é muito importante, pois é o



UCDB - Primeira diagramação do Em Foco em setembro de 2002

que irá chamar a atenção do leitor para sua matéria. “Ou você atrai ou afasta o leitor, o

trabalho de um diagramador é árduo e solitário”, diz Maria Helena.

CONSCIENTIZAÇÃO - Moradia e emprego ajudam a melhorar a condição de vida dos índios

Segunda aldeia urbana beneficiará mais de 400 indígenas na Capital

Luciene Martins

Está previsto para novembro deste ano o término das construções de 98 casas que vão formar a segunda aldeia urbana do município de Campo Grande. A prefeitura da capital disponibilizou uma área de 28,8 mil metros quadrados no Jardim Noroeste, um local que foi invadido por índios de três etnias há quatro anos.

As condições de moradia das famílias Terena, Guató e Guarani são precárias. Adultos e crianças moram em barracos improvisados com tábuas e lonas, enquanto aguardam o término de suas residências. No local há energia elétrica, mas a água potável é trazida por caminhões pipa.

Para o responsável pelo material da construção da obra, Vilmar Marciano Ortiz, a construção das casas trouxe além do benefício evidente da regularização de moradia das famílias, frente de trabalho para os índios. “Eles são remunerados para trabalhar na construção, grande parte dos índios trabalha fazendo bicos na capital”. Vilmar também se sente privilegiado com esse emprego. “Para mim é novidade, pude aprender um pouco da cultura deles. É uma troca de

benefícios” comenta.

Já a maioria das índias fica em casa cuidando dos filhos, que somam, aproximadamente, cinco por família. As que trabalham deixam seus filhos por conta dos vizinhos que olham as crianças. “As mães deixam a comida pronta e a vizinha olha as crianças que brincam no quintal” conta a terena Lucione Pires Canale.

O índio Adilson Batista da Silva, casado e pai de dois filhos, trabalha como pedreiro na obra da aldeia e aguarda com ansiedade o término de sua casa. “Vai ser muito bom, né”, afirma.

Segundo o presidente da associação indígena do bairro Jardim Noroeste, Vanio Lara, a comunidade do local é bem organizada. “Temos reuniões para aconselhar os índios. O conselho é interno, buscamos demonstrar nossa cultura”, enfatiza o líder. As reuniões são feitas no centro de cultura indígena, uma Oca feita de palha, localizada na aldeia. Nessas reuniões, além de preservar sua cultura os índios também procuram ensinar o respeito pelos não indígenas. “O conselho interno ensina a não se desfazer das pessoas, que um precisa do outro. Assim demonstramos respeito com outros povos”, afirma Lara.



Foto: Luciene Martins

Espera - Famílias indígenas sofrem enquanto esperam ansiosamente que a precariedade na qualidade de vida dê lugar à oportunidade

Internet auxilia e socializa jovens

Foto: Jonas Melo

Cristiane Lemes

Eles já eram amigos, mas nunca haviam se visto. Conversavam intimamente em um Chat na Internet desde 1998 e sentiram a necessidade de se conhecer pessoalmente. Há quatro anos montaram um grupo, hoje com 30 internautas, que se reúne todas as sextas-feiras para se confraternizar em um bar de Campo Grande. Os participantes matam a curiosidade não reveladas na rede.

“Eu prefiro conhecer pessoas pela internet, porque pode ter um papo mais aberto, e em pouco tempo já dá para ter uma noção do que o outro pensa”, relata Rose Rosso, 39 anos, editora de imagens e frequentadora do grupo de amigos.

Atualmente o grupo encontra-se numa casa de shows ao vivo em Campo Grande, com mesas de sinuca e serviços de fast-food, onde ficam durante



Confraternização - Sem a ajuda do computador, amigos virtuais se reúnem semanalmente

horas conversando assuntos relacionados ao que ocorre nas conversas obtidas nas salas de bate-papos. Cada um tem o seu próprio nickname, apelido na net, que praticamente vira uma “identidade virtual”, fazendo com que os laços de amizade, companheirismo e cumplicidade

se estendam de maneira mais abrangente.

“Comecei a frequentar o chat por curiosidade, pois sempre presenciava um amigo se relacionar nesse tipo de atividade” diz Jonas de Melo, 43 anos, funcionário Público.

Rede

A Internet com inicial

maiúscula, significa a “rede das redes”. Originalmente criada nos EUA, tornou-se uma associação mundial de redes interligadas, em mais de 70 países. Originalmente desenvolvida para o exército americano, hoje é utilizada em grande parte para fins acadêmicos, comerciais e particulares.



Foto: Thayssa Maluf

Dificuldade - Descaso de autoridades atrapalha tratamento

Exemplo de garra

Elaine Prado

Priscila Mota

Uma história de vida que comove e ao mesmo tempo é um exemplo de força. O dia-a-dia de Antonia Auri-neide Maciel é uma luta diária em benefício de seu filho Kelvin Henrique Maciel Domingues, de 15 anos, que há quase um ano e meio passa dificuldades por conta de um acidente, que o deixou impossibilitado de realizar atividades que antes eram rotina em sua vida. O menino não anda e se alimenta por meio de uma sonda.

Kelvin foi atropelado por um caminhão em frente à escola em que estudava, no bairro Aero Rancho, enquanto brincava com amigos. Antonia teve conhecimento do acidente por um vizinho enquanto ia até a escola saber porque o filho demorava a chegar em casa. Desde então começou sua luta. Antonia afirma que teve que parar de trabalhar para cuidar de Kelvin, que hoje necessita de ajuda em tempo integral, e por isso

passa por dificuldades financeiras. Ela afirma que também conta com ajuda de muitas famílias que conhecem o caso de seu filho.

O tratamento de Kelvin é de alto custo e envolve alimentação, fisioterapia e medicamentos. A família recebe ajuda da Secretaria de Saúde (Sesau), mas segundo Antonia há três meses foram suspensos tais benefícios, que também só conseguiram através de processos. “Não é nada fácil, há muita burocracia”, lamenta Antonia.

A Coordenadoria Geral de Assistência a Saúde (CGS), que ajuda com a alimentação, informou há falta desses alimentos, mas que em torno de vinte dias estarão novamente disponíveis.

A família de Kelvin faz um apelo a todos que têm condições de ajudar de alguma maneira, em especial aos acadêmicos de fisioterapia, pois seu tratamento precisa ser diário. “Ele não possui fisioterapia, está atrofiando”, afirma a mãe.

PENITENCIÁRIA

Opiniões divididas

Elaine Prado

Priscila Mota

Moradores de bairros próximos à obra do Presídio Federal de Campo Grande se dividem nas expectativas de terem uma penitenciária na região. Pode haver desvalorização de terrenos, aumento da violência, mas também geração de empregos.

O comerciante Manoel Mandu Gomes, 68 anos, acredita que haverá benefícios para a população, como a saída do lixão que se encontra ao lado. “É revoltante, pois o lixão causa

danos à população e nunca houve solução. Agora com a inauguração do presídio pode ser que esse problema seja solucionado”, completa o comerciante.

Já Fortunato Manrich, proprietário de uma chácara, colocou seus lotes à venda, porque há preocupação com o aumento da violência. “Nossa esperança é de que a mulher do Fernando Beira-Mar compre todos esses terrenos”, ironiza Fortunato.

Desde o ano de 2003, há promessas e previsões para a construção e inauguração do segundo Presídio Federal do País. Mesmo com as obras



Foto: David Majella -Campo Grande News

Dúvida - Oito agentes estão no presídio, sem data de inauguração

recém concluídas, ainda não há data para a inauguração.

Segundo informações do Conselho Penitenciário de

Mato Grosso do Sul, há oito agentes penitenciários já em atividade no Presídio Federal.

Mercado - Consumidor tem vantagens com a queda dos preços da cesta básica na Capital

Cesta básica tem queda de preços

Rodson Lima

Pelo quarto mês consecutivo o consumidor desembolsa menos dinheiro para adquirir a cesta básica familiar. Segundo a pesquisa realizada pela Secretaria de Estado e de Ciência e Tecnologia (Seplanct), no mês de agosto, a queda no preço dos produtos de alimentação e higiene foi de 3,6%, saindo em média a R\$ 139,17.

Na pesquisa anterior referente ao mês de julho, um trabalhador que fosse comprar a sua cesta básica pagava cerca de R\$ 144,36 que significou a redução de R\$ 5,19. Conforme dados, um cidadão que trabalha cerca de 240 horas mensais, em julho, teria que se dedicar 98 horas e 59 minutos para comprar sua cesta básica, contra 95 horas e 26 minutos em agosto.

Para o coordenador de Estudos Socioeconômicos da Seplanct, Ângelo Mateus Prochmann, a queda de preço se deu por causa da estiagem que o Estado passou. A redução ocorre desde maio, mas nos últimos 12 meses 44 itens pesquisados diminuíram em 2,7%, nos últimos seis meses a queda



Foto: Rodson Lima

Economia - Queda nos preços da cesta básica atinge o quarto mês consecutivo em Campo Grande saindo em média R\$ 139,00

foi de 2,86%, sendo 0,88% ao ano.

Entre os 44 produtos analisados pela Seplanct, 22 tiveram alta nos preços, destacando-se o mamão com aumento de 15,08%, seguido da cenoura 14,66 e a margarina 7,46%. Já 19 itens registraram queda, entre eles,

o tomate (-17,18%), alface (-15,06%) e o feijão (-11,83%), que juntos apresentaram redução pelo segundo mês consecutivo.

Consumidor

A servente de limpeza Maria Milian Dias acredita que os preços dos produtos

diminuíram. “Antes o arroz custava R\$ 10,00 e hoje ele custa cerca de R\$ 6,00. Recebo cem reais do governo e ainda me sobra vinte reais para fazer as compras da semana”. Conforme a pesquisa, o arroz registrou alta de 1,3%. A supervisora de limpeza, Arlete Campos, no en-

tanto, não concorda. Ela disse que não acredita em pesquisas, pois só tem visto o aumento de preços.

Já para a dona-de-casa Joana Maria Dias, “tudo aumentou. A carne, por exemplo, ficou mais cara este mês”. A informação é confirmada pelo Índice de Pre-

ço ao Consumidor (IPC), que aponta a maior alta para a costela, com 12,20%. E com os R\$ 5 que sobraram “vou juntar para comprar o gás que aumentou”, completou a dona-de-casa.

Inflação

Outra pesquisa sobre a inflação é realizada pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp) e Centro Universitário de Campo Grande (Unaes), em convênio com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). O levantamento apontou que a inflação no mês de agosto ficou em 0,25%, segundo o coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais (Nepes) Celso Correia de Souza, “a mudança se deu pelo aumento do preço das carnes e dos hortifrutigranjeiros”, afirma. Outro setor que influenciou a alta foi o de transporte com elevação de 0,56%.

Variação de Preço

Mês	Preço
Maio	-0,55
Junho	-4,92
Julho	-4,56
Agosto	-3,60

Fonte: Seplanct

Falta de estrutura atrasa desenvolvimento de MS

Fernanda Kury

Mato Grosso do Sul investe somente nos setores primário e terciários da Economia, o que significa a aposta na agricultura e pecuária. Mas o que é produzido por estas áreas não é transformado em produtos de consumo, pois o setor secundário da Economia, que é o da industrialização não ganha destaque no mercado estadual. Para os economistas este ponto é preocupante, por ser a indústria o único campo que adiciona valor na Economia.

“Enquanto o Estado não oferecer condições para que haja desenvolvimento nas áreas industrializadas, não haverá crescimento econômico”, afirma o economista Emerson Alan. Segundo ele, antes de se iniciar uma dinamização no setor secundário, é preciso gerar emprego e paralelamente modernizar o campo, diminuindo a dependência dos bancos agropecuaristas.

O ovinocultor Geremias Rigon, proprietário de um frigorífico, diz haver incentivo fiscal do governo para que haja uma industrialização no Estado, e a vantagem que há de se produzir em Mato Grosso do Sul é que fecha o processo prometido pelo lado econômico. “O produtor produz, o Estado cobra e assim fecha a cadeia”. Para ele, mesmo com as taxas que são cobradas no estado, este não é tão diferente dos outros, perde apenas para São Paulo que possui um incentivo fiscal um pouco melhor, afirma.

“Seria bom que se produzisse artefatos no Estado para o agronegócio, como o couro que já é industrializado aqui em Mato Grosso do Sul”, afirma Rigon.

Segundo o economista Emerson Alan, para que se produza e consiga abastecer todo o Estado por meio de uma produção no setor secundário, é necessária além da infra-estrutura, uma política pública onde os impostos cobrados aqui sejam



Foto: Fernanda Kury

Desenvolvimento - Pecuária e agricultura se beneficiam

iguais aos cobrados em Estados vizinhos, mas o importante é que se tenha um público consumidor para os produtos fabricados industrialmente no local.

Números

Na Capital, pequenos produtores rurais são organizados em dezoito associações de classe e duas cooperativas, totalizando aproximadamente 600 proprietários rurais. O Núcleo Industrial de Campo Grande implantado em 1977 pela Prefeitura Municipal e posteriormente transferido ao Estado, possui 122 hectares com área útil dos 200 existentes, loteados em pequenas, médias e grandes áreas, tendo como objetivo atender às empresas de todos os portes, e está localizado a sudoeste do perímetro urbano, pela BR-262, 263 e 060.

A Prefeitura de Campo Grande disponibiliza os Pólos Empresariais, com áreas especiais localizadas próximas a rodovias, ferrovia, aeroporto e aos serviços básicos municipais (escolas, postos de saúde, comércio). Os lotes são entregues com infra-estrutura necessária para a instalação de plantas industriais. Além disso possui benefícios como: isenção

ou redução de impostos municipais, terraplenagem, apoio institucional e mão-de-obra técnica e especializada, formada em cinco universidades e em conceituados centros de pesquisas para a instalação de novas empresas industriais.

Mato Grosso do Sul possui desde seus primórdios uma área propícia para a agricultura e a agropecuária, por situar-se nas imediações do divisor de águas das bacias dos Rios Paraguai e Paraná, tornando assim o Estado um forte produtor e exportador de matérias-primas.

De acordo com o perfil sócio econômico traçado pelo Instituto Municipal de Planejamento e Controle Urbanístico (Planurb), a idéia inicial da expansão da Capital teve como base atividades estritamente ligadas à pecuária, após a chegada dos trilhos e a vinda dos migrantes tornou impulsória o desenvolvimento local e urbanístico da cidade. O solo da capital possui boa drenagem e baixo risco de erosões, contendo elevados teores de óxido de ferro, titânio e manganês, mesmo necessitando da correção de acidez, possui boa potencialidade para a exploração agrícola mecanizada ou pastoreil.

DESIGUALDADE

Setor informal cresce em MS

Alexander Onça

O comércio e prestações de serviço são os setores que mais empregam na Capital de Mato Grosso do Sul. As indústrias instaladas nas saídas de Campo Grande também são importantes para o desenvolvimento econômico. Segundo o economista Ido Michels, “Campo Grande não é refém de um único setor econômico”.

A Capital possui uma economia cada vez mais diversificada, porém a qualificação profissional ainda é tida como o maior problema, pois as pessoas não estão preparadas para preencher as vagas existentes. Tal fato reflete-se também na criação de empresas, onde segundo dados do Sebrae, 20 novas empresas são abertas por dia no Estado e 50% delas são fechadas antes de completar dois anos, na maioria pelos motivos citados anteriormente.

Na falta de qualificação profissional existe ainda um setor que vem crescendo cada vez mais no Estado, que é a economia informal: vendedores ambulantes, domésticas, auxiliares de pedreiros, revendedores de cosméticos, lingerie e outros.

José da Silva Brito, morador de Aquidauana, é um exemplo de quem precisa “apertar o cinto” para dar conta de todos os seus compromissos. Com remuneração de R\$ 450 por mês, as contas de aluguel, água, luz, cesta básica e transporte consomem quase 95% dos seus rendimentos. “Só consigo dar conta, porque minha mulher ajuda lavando e passando roupa”, afirma ele referindo-se a sua esposa, dona Jurandira, que lava roupa para três famílias enquanto cuida da casa e dos filhos. Uma outra realidade é a do casal Jane e Flávio de Souza Lopes, que têm renda mensal de R\$ 4 mil. Lopes possui os mesmos gastos da

família Brito, porém acrescentam-se outros como automóveis, telefones fixo e celular, Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), Imposto Predial Territorial e Urbano (IPTU), lazer, duas viagens por ano, empregada doméstica, além de escola e aulas particulares para os dois filhos. Ainda assim, segundo a esposa, “o dinheiro é pouco e precisamos economizar para manter o padrão de vida, pois os impostos são altos, as taxas e tarifas bancárias são absurdas e se não economizarmos, R\$ 4 mil não dá pra nada”.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Mato Grosso do Sul – principal indicador da qualidade de vida – é o sétimo maior do país. Neste contexto, injustiça social não combina com o modelo de desenvolvimento almejado para Mato Grosso do Sul, um estado com potencialidades para crescer, gerar empregos e bem estar para a população.

Foto: Renan Portes



Realidade - Enquanto a maioria vive com R\$ 450,00, outros afirmam que R\$ 4 mil não dá para nada

INSEGURANÇA - Mais de 48 boletins de ocorrência foram registrados no mês de agosto

Falta de posto policial gera discórdia entre moradores do Coophasul

Isabela Ferraz
Katiane Arce

Arrombamentos e furtos em residências e carros têm preocupado os moradores de bairros de Campo Grande. Os delitos são praticados, geralmente, por adolescente e jovens na faixa etária de 15 a 30 anos. No caso dos veículos, o furto é quase sempre de aparelho de som. “A população deve denunciar esses crimes para que as medidas cabíveis sejam tomadas. O som do meu carro foi roubado de dentro da minha garagem”, relatou Carlos Almeida, 25 anos, morador do bairro Azaléia. Outro questionamento dos moradores é a questão da construção de mais postos policiais em outros bairros. Isso deixaria a população muito mais tranqüila diz o morador do bairro Santa Luzia, Roberto de Castro, de 45 anos. Ele ainda se referiu ao posto do bairro vizinho, Coophasul. “Para mim o posto é longe. Não temos tanta tranqüilidade, principalmente a noite”, afirmou. Já os moradores que estão perto do posto policial sentem mais segurança. Ge-

rente de uma conveniência no Coophasul, em frente à unidade da PM, José Carlos Moreira Queiroz, de 47 anos, diz que nunca sofreu qualquer roubo. Ele citou casos de outro estabelecimento, distante do Posto Policial, que frequentemente é vítima.

De acordo com o tenente Antônio Rosa Costa, 42 anos, responsável pelo Posto Policial do Bairro Coophasul, a unidade atende 44 bairros e cada pelotão tem de uma a duas viaturas, que fazem escalas diferenciadas. Quando não há ocorrência, a viatura realiza ronda nos bairros.

No mês de agosto, foram registrados 48 Boletim de Ocorrência (BO) incluindo Boletim de Ocorrência Simplificado (BOS). Os casos mais freqüentes foram furtos, violência doméstica, lesão corporal, desacato desobediência residencial, agressões, homicídio, danos e ameaças, embriaguez, veículos roubado entre outros. Segundo o sargento Orlando Souza Medeiros, 31 anos, apesar dos registros, a região do Coophasul é considerada uma das áreas mais tranqüila da Capital.



Foto: Katiane Arce

Preocupação - São cada vez mais frequente furtos e arrombamentos nas residências em uma das áreas mais tranqüila da Capital

Foto: Isabela Ferraz



Cooperação - Bares apóiam limite de horário para vendas de bebidas alcoólicas na redução de crimes

Lei seca acalma população

Isabela Ferraz
Katiane Arce

Os moradores e comerciantes estão satisfeitos com a Lei Seca, medida que restringe os horários para a venda de bebidas alcoólicas. Segundo o investigador Mário Luiz de Souza, desde que a lei entrou em vigor, em 2002, houve redução no índice de violência.

Proprietária de um bar, localizado na saída para São Paulo, Cíntia Melo, de 27 anos, diz estar contente com a lei. “Antes havia muitos bêbados na madrugada perturbando e saía muitas brigas”, reclama.

A Lei Seca proíbe a venda de bebidas alcoólicas das 23h às 6h, de segunda a quinta-feira, e a partir da zero hora nos fins de semana. O objetivo é reduzir a criminalidade, principalmente, o número de homicídios e agressões fami-

liares. Pela legislação, fica determinado o horário entre 6h e meia-noite para funcionamento dos bares com comercialização de bebidas alcoólicas. A venda neste período pode ser feita através do alvará tradicional, já para venda entre a meia-noite e às 6h é necessário um alvará especial. Sem a licença, o local deve permanecer fechado.

Segundo José Carlos Moreira de Queiroz, de 47 anos, gerente de uma conveniência do bairro Coophasul, a Lei Seca é muito boa, mas ele acha que está faltando fiscalização. “Muitos bares conseguem o alvará especial para se manter aberto até às seis horas da manhã e não oferecem a segurança necessária, assim acontecem muitas brigas no próprio local”, relata o gerente.

“A Lei Seca foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Eu moro nesta casa há mais de sete anos e com este

bar do lado da minha casa ficava difícil para dormir cedo. Era muita conversa, muito barulho. Agora chega 23h, eu já posso dormir sossegada”, afirma Odete da Silva, de 53 anos, moradora do bairro São Francisco.

Quem não cumprir as regras impostas pela Lei Seca estará sujeito à penalidades. O prazo máximo para regularização da multa é de 30 dias e a multa varia de R\$ 350 a R\$ 40 mil. Proprietários de estabelecimentos comerciais flagrados vendendo bebida alcoólica fora do horário permitido serão advertidos por escrito. Se houver reincidência, terão de pagar multa e a licença estadual para funcionamento será suspensa. O estabelecimento será fechado, depois de fechado será permitido um novo alvará só após 12 meses. As multas serão destinadas para o Fundo Municipal Antidrogas.

SATISFAÇÃO

Moradores elogiam policiais

Alessandra Carvalho

Os moradores dos bairros de Campo Grande têm demonstrado satisfação com o serviço prestado pela Polícia Militar na Capital. A advogada Rosana Vieira, 33 anos, por exemplo, disse que o telefone 190 da Polícia Militar tem sido uma forma rápida e eficaz para a sociedade solicitar amparo. Ela afirmou que a população pode comunicar 99 tipos de ocorrências e sabe que a PM chega até o local da chamada em 20 minutos. No entanto, a advogada alertou que os pais, professores e comunidade em geral devem conscientizar e divulgar a importância do 190 e evitar casos de trotes, devendo acionar somente

em caso de necessidade de apoio policial ou socorro.

A estudante universitária Sandra Silva, 23 anos, acha que a PM continua vigilante e disponível a qualquer hora do dia e da noite, com a finalidade de oferecer um serviço de qualidade e profissionalismo à população. “Vivemos em uma realidade de ‘assoviar e chupar cana’”, diz Carolina Dias, 25 anos, aluna do Ensino Médio. Para ela, os policiais atuam para defender os direitos do cidadão, algumas vezes protegendo os interesses particulares do patrimônio, outras defendendo o Estado.

Para a trabalhadora doméstica Rose Vasconcelos, 33 anos, a PM precisa urgentemente desenvolver ações que possam conduzir mudanças comportamentais na

prestação de serviços para que ofereça atendimento de acordo com os anseios do cidadão. A profissional sugere a realização de estudos e pesquisas sérias, para saber a opinião das pessoas, antes de tomar atitudes que envolvam ações bruscas. O professor Bruno Barbosa, 47 anos, acredita que a Polícia deve ser acionada somente em caso de necessidade. O professor contou, que sua vizinha chegou a chamar a PM para resolver uma briga familiar com sua filha de 17 anos, quando na verdade seria um problema para ser resolvido dentro de casa. Neste caso, os policiais foram deslocados do pelotão inadequadamente, já que não poderiam interferir.



O mais moderno Hospital Veterinário do Centro-Oeste.

Atendimento por Veterinários, acompanhado por acadêmicos de Medicina Veterinária.

Consultas, exames clínicos (raio X, ultra-som, eletrocardiograma), exames laboratoriais, emergências, internações e cirurgias.

Estrutura para atendimento de animais de pequeno, médio e grande porte.



PREPARAÇÃO - Sem recursos básicos os acampados recebem instruções para produzir melhor no futuro

Militantes do MST sonham com um assentamento familiar digno

Danúbia Burema
Karina Anunciato

Enquanto não realizam o sonho de ser proprietárias de um pedaço de terra para plantar, cerca de 300 famílias acampadas na BR-262 em Campo Grande vivem em situação precária. Sem recursos básicos, como saneamento e água encanada, os integrantes do Movimento dos Sem Terra (MST) recebem instruções para que saibam como produzir quando forem assentados.

O Acampamento Carlos Mariguela está situado na saída para Três Lagoas e teve início há um ano e meio. A organização do lugar, onde vivem homens, mulheres e crianças é dividida nos setores de Educação, Cultura, Produção, Formação, Comunicação, Direitos Humanos e Frente de Massas, à qual pertencem os representantes. Segundo a política do Movimento não há líderes, há militantes. Carlos de Souza, 22 anos, é um deles. O jovem veio do Paraná para trabalhar na área política de formação dos acampamentos e sabe da necessidade emergencial de assentamento das famílias acampadas, por causa da escassez de recursos em que estão vivendo.

“A maior dificuldade que a gente está tendo no momento é a água”, reclama a manicure Regina de Oliveira, 41 anos, acampada há oito meses pouco antes de ir buscar água em um posto de gasolina próximo ao lugar. A única fonte de água para o grupo é um córrego que fica a mais de um quilômetro e meio de distância.

Solange Clementina de Sá, 34 anos, está no acampamento há seis meses e relata que bebe a água retirada direto do cór-



Foto: Danúbia Burema

Precariedade - Famílias sobrevivem com pouca água e comida, mas permanecem acampadas à espera de um pedaço de terra para plantar

rego. “Não ferve a água porque senão ela não mata a sede”, afirma. A acampada, que tem um filho de dois anos, se diz preocupada com a criança que teve diarreia outras vezes. “Para ele eu vou buscar água no posto, mas o pessoal de lá não gosta que a gente faça isso”. A água que abastece o acampamento é puxada por um motor bomba movido à gasolina que segundo a coordenação é um processo caro, utilizado raras vezes pelos assentados.

Discriminação
Mas as dificuldades vão além da água. Dejanira dos Santos Amorim, 26 anos, reclama também da poeira e

falta de luz. Ela vive com o marido e a filha de seis anos e conta que já pensou em desistir do movimento por várias vezes, devido a ameaças. “No começo dava até medo. Tinha gente que passava e dizia que tem que morrer. Eu disse: vou criar minha filha neste lugar?” Mas, apesar das circunstâncias, ela prefere o acampamento. “Você sabe por que aqui é melhor? Por que temos uma família”. A acampada acredita ainda que “a dificuldade sempre você encontra. Mas, aqui é um pelo outro. Por isso é que você encontra força para lutar”.

Aline Amorim, de seis

anos, não concorda com a mãe. “Lá na outra casa era melhor. Tinha fruta, tinha melancia, tinha beterraba, tinha balão, tinhaquinho”. Manuel Arguelho, 44 anos, marido de Dejanira, diz que nunca achou futuro no trabalho da cidade. Ele reclama que na cidade, as pessoas “usam” os empregados e depois descartam, não se importando se estes têm família para sustentar.

Mariléia de Lima, 27 anos, gosta do lugar, “Aqui é bom. É gostoso, sossegado”, mas também reclama da falta de água. Ela veio participar do movimento 23 dias depois do parto da fi-

lha, que agora está com sete meses de idade.

Escola
Eles possuem duas turmas de Educação para Adultos e aulas de reforço para as crianças. O ensino é direcionado segundo a realidade dos alunos. “Nós trabalhamos a matemática não em nós soltos. Nós trabalhamos a matemática em medidas agrárias”, explica Carlos de Souza. Ele fala orgulhoso do método de ensino que utilizam. “Professor é aquele que profere o conhecimento. Educador é aquele que ensina conforme a sua realidade”.

As aulas são ministradas por duas militantes. Rosa Silva de

Tecnologias beneficiam o campo Solidariedade entre militantes

Danúbia Burema

Em cerca de 25 anos, 28 milhões de brasileiros tiveram sua mão-de-obra substituída pelo desenvolvimento tecnológico que trouxe melhorias de nível técnico para o campo, e obrigou a população a se deslocar. Esse êxodo provocou uma desestruturação nas cidades, refletida nas favelas, cortiços, aumento da incidência de doenças, criminalidade e miséria. “As questões de terras no Brasil são questões muito antigas”, explica o historiador Paulo Marcos Esselin.

Segundo Carlos de Souza, 22 anos, militante do Movimento Sem-Terra (MST), uma forma de amenizar esse problema é transformar parte do excedente populacional que está nas favelas em pequenos produtores. Ele acredita que isso converteria quem está sendo problema na cidade em solução no campo. Carlos, que veio do Paraná para trabalhar na área política de formação dos acampamentos, diz que o consumo interno do país é sustentado por pequenos produtores, sendo o Agronegócio mais voltado para a exportação. Por isso, ele defende a Reforma Agrária, apropriação dos latifúndios improdutivos pelo Governo Federal para pequenos produtores, como maneira de incentivar as formas de trabalho cooperado para melhorar a distribuição de renda.

Para o presidente do Movimento Nacional de Produção Nacional de Produ-

tores (MNP) João Bosco Leal, 53 anos, esse tipo de proposta não é vantajosa. Segundo ele, 63 milhões de hectares de terra já foram entregues para assentamentos de sem-terra, totalizando um gasto de 65 bilhões de dólares para a União que não trouxe resultados satisfatórios. Esses números contrastam com os 45 milhões de hectares, nos quais é feita toda a produção agrícola do Brasil, responsável por 42% da exportação, 38% do Produto Interno Bruto (PIB) e 37% dos empregos. “E o que é que esses 142% da nossa área dão de retorno para o país?”. Sobre a distribuição de terras, ele declara: “Não somos contra a reforma agrária em si. Somos contra a invasão de propriedade e a reforma agrária do modo como ela tem sido feita”.

O militante Carlos defende a utilidade de sua proposta afirmando que isso melhoraria também a qualidade dos produtos agrícolas que passando a ser produzidos em pequena escala, diminuiriam o uso de agrotóxicos. Mas, reclama que hoje não se consegue viabilidade econômica nos assentamentos produzindo em pequena escala e competindo com os grandes fazendeiros. “Infelizmente, não há uma política pública eficiente para os pequenos produtores”.

O historiador Paulo Marcos Esselin também partilha da ideia de que faltam qualificação e recursos para os pequenos produtores. “Como é que o pequeno vai



Foto: Danúbia Burema

Decepção - A desestruturação das cidades gera exodo urbano

competir com o grande?”. Segundo ele, as pequenas propriedades não têm conseguido cumprir seu papel, e o que se tem visto é a transferência dos miseráveis da cidade para o campo. Quando perguntado sobre o possível sucesso dos assentamentos, ele diz: “Eu acredito se houver um processo de cooperativismo muito grande, com todos os assentados inseridos e um

nível tecnológico alto”. Sem tecnologia eu não acredito.

Mesmo que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) cumpra a meta de assentar 6.870 famílias em Mato Grosso do Sul ainda nesse ano, cerca de 11 mil continuarão à espera de um pedaço de terra para plantar, segundo informações do Instituto.

Thayssa Maluf

Atualmente em Mato Grosso do Sul cerca de seis mil famílias vivem em acampamentos sem terra, segundo dados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nos acampamentos, o grupo é dividido em comunidades de 50 famílias, repartidas em grupos menores que formam os núcleos de base. Nestes últimos, dez famílias são responsáveis por ajudar mutuamente umas as outras, além de semear, plantar e cuidar da horta, atividade que fornece frutas e verduras ao núcleo de base.

Esta divisão realizada nos acampamentos, permanece após o assentamento das famílias. “Quem permanece mais tempo acampado, é assentado primeiro”, explica o militante do movimento Carlos de Souza, 22 anos.

Outra divisão praticada dentro dos acampamentos

que permanece após o assentamento é o estilo de moradia. Hoje, grande parte dos acampamentos utiliza a forma quadrado-burro, onde as casas são dispostas uma ao lado da outra, com o meio de convivência coletiva como a horta e os espaços para reuniões, em uma das pontas do acampamento.

Uma alternativa para o estilo quadrado-burro é o raio de sol, modelo em que o centro de convivência coletivo fica no meio da comunidade e os lotes voltados para o centro, sendo a ponta mais fina que a base. Além do modelo de seis círculos, onde o círculo central é formado pela comunidade principal, que são os espaços para reuniões, farmácia, sala de aula, entre outras coisas, seguidas por outros cinco círculos que formam a moradia, lavoura, poteiro coletivo, lavoura coletiva e reserva legal sucessivamente.



Foto: Danúbia Burema

Ideologia - O militante Carlos Souza, 22 anos, veio do Paraná